
RELATOS DE EXPERIÊNCIA EM FORMAÇÃO CONTINUADA: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA

Maria Olinda Venancio¹
Queila Adriana de Alcântara²

Apresentação:

No ano de 2015, a Supervisão de Formação Continuada ofereceu a “Oficina de escrita de textos: Gênero – Relato de Experiência”, que teve continuidade em 2016.

A ideia de se fazer a oficina de escrita partiu, inicialmente, de duas situações observadas em relação à formação de professores da rede municipal. A primeira delas, em razão da dificuldade encontrada na escrita de relatos dos participantes da formação do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), formação que se iniciou em 2013 na rede municipal de Juiz de Fora e atendeu a mais de 400 professores.

A segunda situação foi o interesse em buscar experiências de práticas exitosas de professores na rede, com o propósito de troca de experiências pelos profissionais. Uma das maneiras de trocas seria a partir da experiência escrita em forma de relatos e que depois poderiam ser publicados na revista da Secretaria de Educação de Juiz de Fora “Cadernos para o Professor”.

O objetivo da oficina foi de oportunizar aos profissionais que tivessem interesse e necessidade, a chance de não só entenderem a estrutura desse gênero textual, como também proporcionar a reflexão sobre a própria prática pedagógica, bem como a importância do registro das aulas. É importante ressaltar que professores que refletem sobre seus papéis e suas práticas e os ressignificam oferecem um ensino de qualidade.

Os relatos de prática trazem a vivência do cotidiano da sala de aula e da escola amparado pela teoria, revelando que no fazer docente se está sempre aprendendo e redescobrendo novos modos de educar e escolarizar. A organização destes relatos escritos e reescritos representa a

¹ Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora da Rede Municipal de Ensino e da Secretaria de Educação de Juiz de Fora.

² Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora da Rede Municipal de Ensino e da Secretaria de Educação de Juiz de Fora.



finalização não só do curso, mas a concretização do resultado e discussão ocorridos durante o processo.

Caracterização do local e da turma:

As oficinas de escrita aconteceram no Centro de Formação do Professor “Professora Sofia Alencar”, criado em 1999, com o objetivo de proporcionar momentos de trocas de experiências e discussões teórico-práticas para atender às especificidades da rede municipal de ensino, contribuindo com a melhoria do processo ensino pedagógico e com o aprimoramento dos seus profissionais. Localiza-se em um conjunto arquitetônico, parte integrante do centro histórico Bernardo Mascarenhas, na área central da cidade.

O público alvo foram os professores da rede municipal de ensino, sendo que a turma de 2015 era formada, na maior parte, de professoras de creches, mas também havia professores dos anos iniciais e dos anos finais do Ensino Fundamental. A turma de 2016 teve uma formação muito diferente da turma de 2015. Era formada por professores dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, por coordenadores, diretores e técnicos da SE.

Enquanto o perfil dos professores dos anos iniciais e finais e dos cursistas de 2016 era de quem estava em busca de aperfeiçoamento e domínio do gênero textual a ser estudado, as professoras de creches buscaram a oficina com o propósito de aprenderem a fazer relatório de avaliação dos alunos.

Fundamentação teórica:

Para se compreender a qualidade da educação na perspectiva popular e democrática, é preciso conhecer a problematização da história de exclusão escolar dos setores populares, de sua luta pelo acesso à escola.

A presença das classes populares na escola é um enorme avanço do ponto de vista de uma democratização efetiva do país. A escola se tornou lugar de encontro de vários setores da sociedade e local onde se repercute as preocupações que inquietam a vida contemporânea.

Receber toda essa diversidade na escola exige preparação e reflexão sobre a ação. Nesse novo contexto, faz-se necessário e imprescindível, a mudança e a inovação das práticas escolares. O professor deve levar em conta o estudo da sua própria prática, como um dos meios constitutivos da construção de novos saberes profissionais. Superando assim a dicotomia entre teoria e prática, entre propostas oficiais descontextualizadas das necessidades inerentes ao ensino e à escola.



Muitas pesquisas e discussões vêm tendo como foco a formação continuada, indicando que a formação deve ir além de ações de “reciclagens pedagógicas”, deve-se proporcionar uma formação que valorize a reflexão formativa e a investigação conjunta em contexto de trabalho, transformando a experiência profissional já adquirida.

Esse pensamento vai ao encontro do que fala o professor António Nóvoa (1992), de que a formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores para que sejam reflexivos, assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e sejam protagonistas do seu fazer.

Uma formação que conduza à reflexão se faz necessária uma vez que na cultura escolar há um movimento de interesses e interações que se estabelecem a partir da transmissão e assimilação de conteúdos disciplinares. Concomitante aos saberes aprendidos na escola, articulam-se crenças, valores, aptidões, atitudes e disposições que os alunos trazem de outros ambientes culturais que frequentam e que irão interferir e conferir significado e sentido aos conhecimentos escolares. Sendo assim, a formação continuada é condição importante para a releitura das experiências e das aprendizagens.

Ter ciência da própria prática é um conhecimento estratégico que serve de guia para o professor. É uma sabedoria que se adquire em contexto de práticas de aula, em circunstâncias que exigem do professor uma tomada de decisão, à medida que se confronta com situações, dilemas ou problemas particulares, da teoria, da prática e da moral, em que princípios, muitas vezes, se chocam e nenhuma solução parece ser viável. Há muito se diz que o professor tem que ensinar a partir do conhecimento, da experiência do aluno, cabe também na formação do professor que este seja colocado como sujeito de sua própria história.

A oficina de escrita de textos foi o instrumento educativo para conduzir os professores à reflexão da própria prática e foi usado como expediente para colocar o professor como sujeito de sua história. Permitiu que o professor organizasse suas ideias, reconstruísse sua experiência de forma reflexiva, conhecendo seu processo de evolução e transformação em relação à qualidade do trabalho desenvolvido com os alunos.

Uma experiência com a linguagem, segundo Heidegger (2011, p. 121), significa “deixarmos tocar propriamente pela reivindicação da linguagem” e que “uma experiência que façamos com a linguagem haverá de nos tocar na articulação mais íntima de nossa presença”, podendo nos transformar da noite para o dia ou com o tempo.

A importância da linguagem está no fato de que é através dela que, concomitantemente, nomeamos a experiência e agimos em razão do resultado da interpretação. Os autores Giroux e McLaren (apud Cunha, 1997) dizem que:



Apenas quando podemos nomear nossas experiências - dar voz a nosso próprio mundo e afirmar a nós mesmos como agentes sociais ativos, com vontade e um propósito - podemos começar a transformar o significado daquelas experiências, ao examinar criticamente os pressupostos sobre os quais elas estão construídas.

A preocupação fundamental do curso de formação contínua é melhorar a prática e, ao mesmo tempo, no decorrer do processo, produzir conhecimento. A metodologia do curso permitiu ao professor: A- Pesquisar e refletir sua própria prática; B- Produzir conhecimento; C- Interagir com os colegas do curso, trocando experiências de práticas e expor dúvidas e anseios.

Considerando o exposto acima e acreditando que o ensino, a partir do gênero, oferece ao aprendiz a possibilidade de desenvolver sua capacidade de produzir textos orais e escritos, optamos por trabalhar no curso “Escrita de textos- relato de experiência” com a proposta metodológica da sequência didática(SD). Segundo Dolz e Schneuwly (2013):

Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito [...]tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação [...] As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis (p.82-83).

Alguns procedimentos, segundo os autores acima, são essenciais para que se possa desenvolver um trabalho com a “sequência didática”. São eles:

- Ter bem claros os objetivos a serem alcançados com a sequência proposta;
- Elaborar o esquema da “sequência didática”, compreendendo: apresentação da situação, uma produção inicial, os módulos e a produção final;
- Aplicar de forma adequada esse esquema, seguindo uma ordem gradual de atividades.

O gênero textual relato de experiência permite retomar o vivido, sistematizar a experiência, oportunizando o exercício da linguagem escrita como instrumento de socialização do seu pensamento ao tempo que compartilha.

Nesse sentido, o aporte metodológico adotado, pelas mediadoras, na oficina “Escrita de textos: relato de experiências”, contribuiu para a valorização e o desenvolvimento profissional do professor, pois possibilitou a eles se perceberem como autores de sua prática e o seu papel na produção de conhecimentos sobre ensino e aprendizagem.



A oficina permitiu resgatar a base reflexiva da atuação profissional e ajuda a entender a forma como realmente se abordam as situações problemáticas da prática, uma vez que participam profissionais de várias áreas da escola. Assim, têm-se mais condições de compreender o contexto social no qual ocorre o processo de ensino/aprendizagem, permeado por diferentes interesses e valores, bem como de examinar criticamente a natureza e o desenvolvimento da educação.

Segundo Sacristán (apud Di Giorgi, 2011), a formação contínua do professor deve ir além de saberes disciplinas ou habilidades pontuais, precisa contribuir para uma mudança na base profissional do docente. O autor defende a ideia de que se deve investir em um modelo de formação continuada que desenvolva o profissional e pessoal, de caráter evolutivo e continuado, que esteja referenciado nos contextos que determinam o trabalho do professor, o que pressupõe enfocar todos os aspectos da prática docente.

Descrição da experiência:

Os cursos de formação continuada devem estar amparados nas necessidades formativas dos professores e a proposta da oficina de “Escrita de textos: Relatos de Experiência” nasceu, justamente, da necessidade observada em relação à formação de professores da rede municipal.

A oficina foi organizada em 12 encontros, com o propósito de conduzir os professores à reflexão e mostrar o quanto o registro da prática do professor é de extrema importância. O primeiro encontro teve como o objetivo quebrar a barreira da dificuldade da escrita, mostrando a partir de uma dinâmica, que todos podem escrever.

Os professores foram conduzidos a refletir sobre o motivo que os trouxeram ao curso e as respostas revelaram que alguns tinham boas práticas, mas não conseguiam escrever por vários motivos, da falta de registro da aula, a não saber montar um relato. A maioria afirmou que buscou o curso porque gostaria de desenvolver a escrita, pois sentiam dificuldades para colocar no papel os bons trabalhos que realizavam. O ponto crucial parecia ser o medo de escrever, a dificuldade de conseguir colocar no papel aquilo que realizou em sala.

A sequência didática foi o caminho para trabalharmos com os professores, de forma que pudessem entender a estrutura composicional do gênero relato de experiência e, no final, conseguirem escrever adequadamente, para esta situação de comunicação. Esta proposta de trabalho foi essencial para que os professores pudessem experienciar, em cada etapa do trabalho, a organização didática deste gênero. A reescrita foi um ponto importante, pois, à medida que os professores escreviam seus textos, recebiam via e-mail, uma devolutiva com comentários e a partir desses, reescreviam e melhoravam o relato.



Em cada encontro, dividíamos as etapas a serem trabalhadas, sempre promovendo a discussão sobre o tema tratado no encontro e incentivando os professores a refletirem sobre a prática em sala. A questão mais discutida e sempre retomada foi “o registro” da aula, em que a maioria concordou em um ponto: quase nunca registravam suas práticas. Alguns diziam ter trabalhado conteúdos de forma interessante e significativa, colocavam suas lembranças, mas no final diziam que não tinham nada registrado e já não lembravam mais de tudo, apesar de ter sido um trabalho com bons resultados.

Enquanto mediadoras do processo também fomos registrando todos os detalhes que nos pareceram relevantes para uma discussão no grupo ou para uma discussão entre nós mesmas, com intuito de melhorar e atingir nosso objetivo no curso: conseguir com que os professores despertassem para a necessidade de refletirem sobre suas práticas e conseguissem, no final do curso, produzir um relato de experiência a partir das discussões colocadas nos encontros e a partir de uma prática vivenciada por eles.

Desde o início do planejamento, sabíamos que outra questão a se pensar como trabalhar seria a digitação dos textos e as normas da ABNT, pois não era um pré-requisito para o curso o domínio na área de informática e nem conhecimento das normas. Após diagnóstico, observamos a necessidade de ampliar o número de aulas, para realizarmos encontros no laboratório de informática. Contamos com a colaboração de uma professora especializada, que trabalhou pontos importantes da formatação básica do texto e de recursos específicos, com o propósito de ajudar os professores na escrita, não apenas do conteúdo, mas também na formatação do texto. Mesmo sendo uma tecnologia tão utilizada, não havia domínio técnico para lidar com este suporte de forma segura.

No decorrer dos encontros, os participantes optaram por escrever sobre um trabalho que não só tivesse sido produtivo, mas que pudessem buscar as concepções teórico-metodológicas que lhes guiaram na prática e do qual possuíam algum registro.

No caminhar da SD planejada, procuramos conduzir os professores à reflexão sobre a concepção teórica que os embasaram em sua prática e que embasariam o seu relato de experiência. Alguns se sentiram incomodados por não conseguirem apontar claramente a concepção que até então seguiam, mas ao fazê-los retomar o caminho de suas práticas e encontrar os autores que seguiam, fomos juntos, fazendo a reflexão necessária para o reencontro do caminho das concepções teórico-metodológicas que embasaram seus trabalhos.

A troca de ideias, sugestões, dificuldades para delimitar o assunto que iriam escrever, também foram pontos que se destacaram na oficina. Isso valorizou a interação tão necessária entre



as pessoas. Foi um momento rico nos encontros, onde cada um se colocava, com intuito de ajudar o outro a pensar sobre a experiência que iria relatar, os autores possíveis para embasar o texto.

Em um dos encontros, cada professor participante relatou sobre seu trabalho e o avanço que já havia feito na escrita. Alguns enviaram várias vezes o texto e reescreveram a partir de sugestões que colocávamos. É importante lembrar que nossa proposta ao colocar comentários era de ajudar. Era essencial buscar os traços positivos do texto e encorajar os professores a entender a necessidade da reescrita.

À medida que trabalhamos cada módulo da SD, fomos mostrando a possibilidade real de cada um poder escrever e que a experiência da escrita é necessária, uma vez que se aprende a escrever, justamente escrevendo. Ao final, todos conseguiram produzir seu relato de experiência.

Avaliação dos resultados:

A proposta do curso foi conduzir os profissionais a refletirem sobre sua prática e, a partir dessa reflexão, produzirem um relato de experiência tendo como ponto de partida uma situação vivida em sala de aula.

O curso permitiu aos profissionais uma distinção clara entre o planejamento, o diário e o relato da prática, contribuindo significativamente para o reconhecimento das dinâmicas e tensões do processo de ensino e aprendizagem, como se pode constatar no depoimento de alguns professores:

Professora 1 – “É possível escrever, saiu o pânico. Chegou sem saber pegar mesmo para escrever. A leitura de outros textos permitiu apoderar da estrutura.”

Professora 2 – “A correção ajudou, pois eu escrevia achando que a pessoa que ia ler sabia do que eu estava falando.”

Professora 3 – “Fiquei com uma sensação boa; aprendi um gênero que nunca tinha escrito. Gostei da organização do curso, da troca de experiências.”

Professora 4 – “Perdi o medo de me expor, porque escrever um relato é se expor e agora sei que é possível.”

A escrita, que antes parecia algo tão difícil, passou a ser algo construído aos poucos, não só por uma simples reescrita, mas partindo de reflexões deixadas nos bilhetes orientadores, no *feedback* feito a partir de cada escrita que o participante entregava. Além disso, nos encontros do



curso, fazíamos uma síntese de questões importantes a serem discutidas a partir da escrita dos relatos. Estas questões abordavam não apenas a normatividade, textualidade e discursividade, mas questões conceituais sobre a prática deste professor.

Um dos momentos mais ricos de todo processo foi, sem dúvida, quando tiveram que pensar no embasamento teórico da prática relatada. Tiveram que buscar reflexões acerca de suas crenças, da forma como trabalhavam em sala e em que teoria e autores se basearam. A troca de informações e discussões estabelecidas em sala foi essencial para se chegar a determinadas conclusões. Tal fato levou a turma a refletir sobre suas práticas, repensar posições e a buscar novos “olhares” diante da prática atual.

Considerações finais:

A experiência com o curso “Oficina de escrita de textos: Gênero – Relato de Experiência” foi muito enriquecedora. Trabalhar com a formação continuada de professores é um desafio e trabalhar com uma oficina de escrita para profissionais de várias áreas da educação foi um desafio grande, pois não se pretendia apenas instrumentalizar os cursistas, sem que estes encontrassem um significado que provocasse uma mudança em sua prática.

Como mediadoras da oficina, acompanhamos os avanços de profissionais experientes envolvidos nessa formação, com seus saberes e suas “verdades” a respeito da profissão e dos alunos, que vivenciaram e perceberam a importância e a necessidade de refletir sobre a própria prática, bem como de terem claro para si mesmos as concepções que norteiam o seu trabalho em sala de aula.

Ao final, os participantes do curso conseguiram não só entender o gênero, mas também produzir um relato da prática. Estes relatos serão publicados em um livro, cujo título provisório é “Experiências significativas: relatos de formação e formadores”, do qual somos as organizadoras.

Referências:

CANDAU, Vera Maria. **Formação continuada de professores/as: questões e buscas atuais**. 2009. Disponível em :http://www.novamerica.org.br/revista_digital/L0122/rev_emrede02.asp Acesso em: 15/07/2016.

CARDIA, Maria Tereza Antonia. **Narrar a experiência**. Revista Na Ponta do Lápis. Nº 20 – ano VII. Jul 2012. Pág. 24-25. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=>



[OahUKEwjD69fAkBHTAhVBFpAKHVpdDnUQFggiMAA&url=https%3A%2F%2Fwww.escrevendoofuturo.org.br%2FescrevendoFuturo%2Farquivos%2F2186%2Fnarrar_a_experiencia.pdf&usg=AFQjCNH7WqpyoRX4onaDnvzBak5IUnnrQ](https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/Arquivos/2186/narrar_a_experiencia.pdf)> Acesso em 02/02/2015

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora!** As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010> Acesso em 02/03/2015.

DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini et al. **Necessidades formativas de professores de redes municipais:** contribuições para a formação de professores crítico-reflexivos. 2011. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/f8pnb/pdf/di-9788579831065.pdf>> Acesso em: 03/03/2016.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. 4º ed. Porto: Porto Editora, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem.** 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente.** 1992. Disponível em:<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf> Acesso em: 15/07/2016

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et all. **Gêneros orais e escritos na escola/** tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales. 3ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

ZELMANOVITS, Cris. **Relatar a prática:** como e por quê? Cenpec, São Paulo, abril 2010. Disponível em:
https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/2171/relatar_a_pratica.pdf>
Acesso em 02/02/2015.

